

Calheta estranha desaparecimento

VICTOR HUGO

vhugo@dnoticias.pt

Costuma ser os taxistas que mais ouvem e mais sabem do que se passa numa localidade pequena. Ontem, José Serrão e Maurício Silva contrariavam a regra, pelo menos sobre o caso do intrigante desaparecimento do pequeno Daniel, na freguesia do Estreito da Calheta: “É tudo muito estranho”, comungam, lamentando o sucedido.

A estranheza estende-se a outros concidadãos destes profissionais residindo no simples facto do lugar onde desapareceu a criança de 18 meses ser um “local calmo” e do Daniel praticamente não conseguir andar, pelo menos, alegam, o suficiente para “andar cem metros”, conforme acredita João Caldeira.

O “mistério” torna-se ainda mais enigmático por apresentar aquilo lhes parecem ser demasiadas “coincidências”. É o termo que preferem para já dar àquilo que a família do Daniel não tem dúvidas em classificar de “rapto”.

No topo das dúvidas dos populares está sempre o lugar do sumiço. Os taxistas, por exemplo, socorrem-se da experiência diária para não entender como é que alguém entra num troço rodoviário com o grau de inclinação como aquele, mais a mais, vincam, sendo uma via sem saída.

“Não dá para entender”, expressa José Serrão, um condutor bastante experimentado e conhecedor do traçado da Calheta.

Seja como for, confirmam que pela zona do sítio dos Reis é habitual passar “alguns turistas” para seguir em direcção a uma levada, mas nada de transcendente, frizam, daí que voltem a especular com algum grau de incerteza de que quem terá levado o menino, sabia certamente da presença do casal na casa do compadre e que o próprio Daniel estaria com os progenitores.

Casa muito precária

A teoria, é de resto corroborada por outros populares que ontem o DIÁRIO auscultou durante a reportagem efectuada entre a casa de Vicente Freitas, o compadre de Carlos Sousa e a degradada casa, praticamente condições de habitabilidade, onde vive com a sua companheira, Lídia Freitas e com mais seis parentes.

Na casa, coberta por telhas muito antigas e folhas de zinco fixadas em pedaços de madeira, notam-se ainda alguns pneus em cima do topo da casa.

Pai acusa inércia das autoridades

“Cachorro que se põe no mato à espera que o coelho saia não presta para nada”. Esta foi uma das declarações mais críticas que o pai emitiu ontem para dar conta da sua insatisfação face ao desenrolar das buscas



1. Agentes da Polícia Judiciária voltaram ontem à Calheta e fizeram várias perguntas a vizinhos dos familiares de Daniel 2. O pai da criança desaparecida deixou a casa e foi à fazenda durante a manhã de ontem 3. Fotos do pequeno Daniel continuam a ser divulgadas, mas sem êxito até agora. 4. A mãe de Daniela, a irmã e o avô foram ontem vistos na Zona da Estrela da Calheta 5. As autoridades policiais continuam muito presentes na localidade.

que Bombeiros Voluntários, PSP, GNR e PJ efectuaram nas primeiras horas logo após o desaparecimento de Daniel.

O jovem desempregado de 26 anos de idade, pai de mais uma criança de três anos, manifesta-se incrédulo: “Estão à espera que a presa venha ter a eles”, acrescentou não poupando mais críticas às autoridades por não estarem “procurando” o filho. Além disso não disfarçou a sua impertinência: “O que está intrigando mais é o silêncio. E a gente está num beco sem saída”, concretizou.

“A competência dos policiais não mostra a devida capacidade, estão parados à espera que alguém faça alguma coisa, mas eles é que têm de fazer, a gente desconta tanto é para alguma coisa”, manifestou entre lágrimas e soluços. “Os nossos direitos para que é que valem?”, questionou de seguida Carlos Sousa, emocionado.

“Eles estão tratando uma criança de um ano e meio como se fosse um adulto que caminhasse e soubesse vir pelos próprios pés, mas não é, é uma criança de um ano e meio. Se caminhou foi pela mão de alguém”, sentenciou reiterando a tese de rapto.

POPULARES ESTÃO BOQUIABERTOS. JÁ A FAMÍLIA APONTA CRÍTICAS ÀS AUTORIDADES

Vida continua

Logo pela manhã o avô e a tia de Daniel foram vistos a entrar na farmácia, situada na Estrela da Calheta. Segundo a tia, a visita ao estabelecimento deveu-se ao facto do seu pai padecer da diabetes e ter necessidade de comprar medicamentos. Na manhã de ontem, o DIÁRIO ainda chegou a ver Carlos Sousa deslocar-se para uma zona de pasto. Levava foice ao ombro esquerdo, galochas calçadas e um boné à cabeça.

A tarde, a companheira, também foi ao centro da Estrela. Pela mão direita levava a pequena Mariana, a irmã de Daniel. A acompanhá-los, seguia o sogro.

Judiciária no terreno

Têm sido muitas as críticas em torno do encerramento das buscas, o

que faz suspeitar que a PJ terá pistas que anulam que o pequeno Daniel se encontre no perímetro da casa onde se encontrava. Os cães piteiros e as autoridades investigaram tudo a pente fino e não encontraram vestígios.

No entanto, não invalida que as investigações prossigam. Ontem pelo menos três agentes da PJ bateram nas casas dos vizinhos de Vicente Freitas para efectuarem algumas questões. Segundo relataram ao nosso jornal a polícia pretende saber se avistaram algo de anormal e onde estava no exacto momento do desaparecimento do Daniel.

Escola vigiada

A escola do primeiro ciclo com pré-escolar do Estreito da Calheta está vigiada com sistema de video-vigilância e de acordo com o director da unidade não chegou qualquer sentimento de preocupação dos encarregados de educação face ao episódio registado a poucos quilómetros dali. Arnaldo Fonseca lembra que os 120 alunos só são entregues pelas auxiliares quando as mesmas verificam a presença dos pais, encarregados de educa-

ção ou alguém mandatado por eles.

Não há memória de um rapto de uma criança na Calheta. A acontecer será a primeira vez que algo acontece. Pelo menos, é o que diz José Manuel Silva, presidente da Junta de Freguesia da Calheta.

Família sem apoio psicológico

Foi uma das irmãs de Carlos Sousa, aquando de uma ida a uma instituição de crédito, que confirmou ao DIÁRIO que o seu irmão, cunhada e restante família não estão a receber qualquer apoio psicológico pelo desaparecimento do bebé de 18 meses. Nem tão-pouco, afirmou, lhes foi questionado pelas autoridades se era necessário prestar esses cuidados.

Pouco social

“Cada um sabe de si e Deus sabe de todos, mas não são muito sociáveis”. A declaração é de uma vizinha que se recusa ser identificada. Diz que “não são de muitas palavras” mas, por estes dias, assistiu ao avô, a nora e o pequeno Daniel a passearem ao final da tarde, para o típico passeio para desentorpecer as pernas ou queimar calorias acumuladas.